

## MARX E FREUD: A INFLUÊNCIA NO PENSAMENTO ALTHUSSERIANO

Alex Lins Ferreira <sup>1</sup>

### RESUMO

Louis Althusser (1918-1980), filósofo francês marxista leninista foi e é um dos pensadores mais polêmico e complexo nos diversos campos do conhecimento, entre eles: o da filosofia, da sociologia, bem como da educação. Suas ideias são referências quando o assunto é o Estado, a sociedade, classes sociais, ideologia e educação. Como todo pensador, Althusser foi influenciado por vários teóricos que o antecederam, entre eles Marx (1818-1883); e Freud (1856-1939). O objetivo principal deste trabalho é fazer uma análise bibliográfica teórica como Althusser incorporou algumas ideias desses pensadores e como estas implicaram e contribuíram para o pensamento social, político e educacional. A princípio já podemos afirmar que as ideias althusserianas nos possibilitam fazer uma análise do Estado capitalista, do sujeito, da ideologia e da educação não centrada na concepção de sujeito moderno. Com o seu pensamento se aprofundou um debate teórico de um sujeito descentralizado, onde os tensionamentos e conflitos nas relações materiais de produção são vistos como vivências e experiências de estranhamentos a ordem vigente opressora. Desde já deixamos claro que não é a nossa pretensão esgotar o assunto, pois o mesmo pode ser pensado, analisado e problematizado a partir de vários olhares.

**Palavras-chave:** Althusser, Marx, Freud, Estado, Educação.

### 1. INTRODUÇÃO

Refletir sobre o pensamento de Althusser hoje não é só uma questão acadêmica, é acima de tudo uma necessidade de pensar e refletir sobre a realidade na qual estamos inseridos, realidade esta marcada profundamente pela opressão e repressão de uma classe sob a outra, buscando possibilidades de pensar o Estado, a sociedade, a escola e a educação, a partir de um olhar que não se limite apenas a reprodução da ideologia dominante, mas fomenta nas relações sociais, políticas e econômicas atitudes de tensionamentos em prol de uma estrutura social cuja a edificação tenha como base as práticas sociais, experiências e vivências da classe trabalhadora.

O universo das ideias de Althusser está fundamentado em duas grandes teorias, são elas: o marxismo e a psicanálise. Devido à complexidade de ambas, seria muita pretensão da nossa parte tratá-las de maneira profunda dentro de um artigo. Nesse sentido achamos por bem trabalhar com um dos principais pensadores de cada corrente, Karl Marx e Sigmund

---

<sup>1</sup> Mestre em educação pela Universidade Federal de Pernambuco. Professor da Educação Básica de Ensino da Rede Estadual de Pernambuco e Prefeitura do Recife. E-mail: aflins@hotmail.com.

Freud. Do primeiro A sua obra “Ideologia alemã” (1932); do segundo “O futuro de uma ilusão” (1927); e “O mal-estar na civilização” (1929).

No que se refere ao pensamento de Althusser, que é bastante vasto, destacamos duas de suas obras “Aparelhos ideológicos de Estado” (1970); e “Sobre a reprodução” (1966).

Na reflexão que segue iremos dividi-la em quatro partes, partes estas que estão articuladas entre si, são elas: Resgatando algumas ideias de Marx sobre o Estado, a sociedade, a ideologia e a educação; Sigmund Freud; a incorporação por Althusser de Marx e Freud e as considerações finais.

Com certeza os leitores irão nos questionar sobre a ausência de Engels (1820-1895); Lênin(1870-1924); Gramsci(1891-1937); Saussure(1857-1913); Lacan(1901-1981), etc. Estes estarão presentes nas próximas reflexões.

## **2. RESGATANDO ALGUMAS IDEIAS DE MARX SOBRE O ESTADO, A SOCIEDADE, A IDEOLOGIA E A EDUCAÇÃO**

É a partir do pensamento de Marx que vamos inaugurar uma nova História. História esta marcada por grandes críticas as sociedades de formação capitalista e as ilusões por elas criadas e impostas.

[...] devemos começar por constatar o primeiro pressuposto de toda a existência humana e também, portanto, de toda a história, a saber, o pressuposto de que os homens têm de estar em condições de viver para poder “fazer história”. Mas, para viver, precisa-se, antes de tudo, de comida, bebida, moradia, vestimenta e algumas coisas mais. O primeiro ato histórico é pois, a produção dos meios para a satisfação dessas necessidades, a produção da própria vida material, e isto é, sem dúvida, um ato histórico, uma condição fundamental de toda história, que ainda hoje, assim como a milênios, tem de ser cumprida diariamente, a cada hora, simplesmente para manter os homens vivos (MARX, 2007, p. 33).

Dentro ainda deste existir histórico, Marx vai problematizar uma questão quase que definida dentro da filosofia alemã, trata-se da consciência. “Desde o início, portanto a consciência já é um produto social e continuará sendo enquanto existirem homens” (2007, p.35). E “[...] as circunstâncias fazem os homens, assim como os homens fazem as circunstâncias” (2007, p.43).

A divisão do trabalho só se torna realmente divisão a partir do momento em que surge uma divisão entre o trabalho material e [trabalho] espiritual. A partir desse momento, a consciência pode realmente imaginar ser outra coisa diferente da consciência da práxis existente, representar algo realmente sem representar algo real – a partir de então, a consciência está em condições de se emancipar-se do mundo e

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br

lançar-se à construção da teoria, da teologia, da filosofia, da moral etc. “Puras”. Mas mesmo que essa teoria, essa teologia, essa filosofia, essa moral etc., entrem em contradição com as relações existentes, isto só pode se dar porque as relações sociais existentes, estão em contradição com forças de produção existentes [...] (2007, p.35-36).

Enfim, “[...] não é a consciência que determina a vida, mas a vida que determina a consciência” (2007, p. 94).

É neste penúltimo parágrafo que o pensador alemão nos faz enxergar algo que até então estava oculto aos nossos olhos, ou seja, todo e qualquer pensamento por mais “puro” que se apresente, tem suas origens na vida material. Portanto, não existe mais um mito moral fundador, um demiurgo, uma consciência pura, uma substância, uma ideia universal.

Dáí ao pensarmos na luta de classes, na revolução, no processo educativo não procurarmos o “salvador da pátria”, mas dá ênfase ao próprio processo histórico de luta, seus tensionamentos e conflitos, pois ele, e só através dele é que podemos encontrar as possibilidades de romper com prática da opressão nas relações de trabalho capitalista.

É neste universo de ideias que já podemos encontrar em Marx elementos suficientes para analisar algumas questões relacionadas ao Estado, à sociedade, a luta de classes bem como, um processo educativo. Parece-nos que antes de qualquer outra coisa o Estado deve garantir e efetivar as necessidades básicas da existência humana. Uma das principais críticas feitas por Marx e seus discípulos as sociedades de formação capitalista é que estas não garantem e nem tampouco, dão as mínimas condições a classe trabalhadora de suprir tais necessidades básicas.

De maneira geral, de acordo com os pensadores marxistas, as sociedades de formação capitalista estão divididas em duas grandes classes, a dominante que é detentora do poder, dos meios de produção, do capital, do capital cultural e espiritual e a dominada, esta por sua vez vive à margem dos grandes interesses do capital.

O Estado que deveria cumprir com o seu papel social e político na garantia dos bens materiais para suprir as necessidades básicas encontra-se a serviço de apenas uma classe, a classe dominante.

O Estado se tornou uma existência particular ao lado e fora da sociedade civil; mas esse Estado não é nada mais do que a forma de organização que os burgueses se dão necessariamente, tanto no exterior como no interior, para a garantia recíproca de sua propriedade e de seus interesses [...]. “Como o Estado é a forma na qual os indivíduos de uma classe dominante fazem seus interesses comuns e que sintetiza a sociedade civil inteira de uma época, segue-se que todas as instituições coletivas são mediadas pelo Estado, adquirem por meio dele uma forma política. Dáí a ilusão, como se a lei se baseasse na vontade e, mais ainda, na vontade separada de sua base

real [realen], na vontade livre. Do mesmo modo, o direito é reduzido novamente à lei” (2007, p.75-76).

A partir deste contexto já podemos fazer algumas afirmações, são elas:

- a) Se o Estado está a serviço dos interesses da classe dominante, nada por ele criado tem a intensão de reverter esta lógica, e mais, seria plena ingenuidade da nossa parte pensar que Este no seu âmago, nas suas relações políticas, econômicas, jurídicas, sociais, gestaria uma política de emancipação social;
- b) Podemos também afirmar que toda a sociedade civil, nada mais é para o Estado do que uma instância de sua dominação e exploração, com um único objetivo, reproduzir a ideologia dominante;
- c) As instituições sociais, inclusive à escola, dentro dessa lógica também serão um jardim propício para a reprodução da ideologia dominante, com raríssimas exceções;

Entretanto, por mais que um dado sistema conserve no seu interior uma determinada ideologia, as suas contradições e os seus movimentos que lhe são inerentes, provocam tensionamentos e conflitos. Esses tensionamentos e conflitos podem servir de instrumentos para a constituição de uma contra ideologia, ou seja, da ideologia da classe trabalhadora que tem como referência a ideologia marxista.

Marx é enfático no sentido de mostrar que as sociedades de formação capitalista têm como base as desigualdades sociais nas suas diversas facetas, e tal realidade teve como ponto de referência histórica a divisão do trabalho. Esta

se expressa também na classe dominante como divisão entre o trabalho espiritual e o trabalho material, de maneira que, no interior dessa classe, uma parte aparece como os pensadores dessa classe, como os seus ideólogos ativos, criadores de conceitos, que fazem da atividade de formação da ilusão dessa classe sobre si mesma e seu meio principal de subsistência, enquanto os outros se comportam diante dessas ideias e ilusões de forma passiva e receptiva, pois são na realidade, os membros ativos dessa classe e têm menos tempo para formar ilusões e ideias sobre si próprios. No interior dessa classe, essa cisão pode evoluir para uma certa oposição e hostilidade entre as duas partes, a qual, no entanto, desaparece por si mesma a cada colisão prática em que a própria classe se vê ameaçada, momento no qual se desfaz também a aparência de que as ideias dominantes não seriam as ideias da classe dominante e de que elas teriam uma força distinta da força dessa classe. A existência de ideias revolucionárias numa determinada época pressupõe desde já a existência de uma classe revolucionária (MARX, 2007, p. 47-48).

Marx quando faz uma análise da sociedade a partir das duas categorias, que são: trabalho e alienação, ele nos fornece elementos cruciais para uma análise mais crítica das relações de produção nas sociedades de formação capitalista.

Na citação acima está posto duas questões que podem nortear toda e qualquer reflexão cujo objetivo seja uma análise real das condições materiais e como superar tais condições. A primeira delas é a questão da ideologia, ideologia esta, da classe dominante, cujo preceito se fundamenta na ilusão, no nada, na imaginação e alienação. A segunda questão está relacionada às ideias revolucionárias e a própria revolução.

Marx abre caminho no sentido de que mesmo diante de uma sociedade extremamente marcada pela opressão social e econômica, é possível pelo próprio movimento desse processo, que não é dado, é construído, a partir de tensões entre interesses distintos de classes, e esse movimento é histórico, bem como está nas raízes das próprias relações, encontrar mecanismos de organização social e política que rompa com a prática opressora da estrutura capitalista. Isso só pode ser possível mediante um pertencimento de classe. Daí ser possível afirmar que o motor da história não é o indivíduo na sua particularidade, mas, sim, a luta de classes. E também,

[...] que tanto para a criação em massa dessa consciência comunista quanto para o êxito da própria causa faz-se necessária uma transformação massiva dos homens, e que só se pode realizar por um movimento político, por uma revolução; que a revolução, portanto, é necessária não apenas porque a classe dominante não pode ser derrubada de nenhuma outra forma, mas também porque somente com uma revolução a classe que derruba detém o poder de desembaraçar-se de toda a antiga imundície e de se tornar capaz de uma nova fundação da sociedade (2007, p. 42).

Nesta citação encontra-se um posicionamento clássico de Marx, ele reafirma a sua posição na crença na organização política da classe trabalhadora, organização esta fundamentada não em um mito fundador, mas, nas relações materiais dadas. A luta de classes se apresenta como um instrumento *sine qua non* para a derrubada do estado capitalista.

Até aqui tentamos fazer um mapeamento de algumas ideias de Marx ressaltando em alguns momentos aquelas que possivelmente iremos fazer uma articulação com o pensamento althusseriano no que tange ao objetivo do nosso trabalho.

### 3. SIGMUND FREUD

Sem dúvida nenhuma, esse pensador foi e é um dos grandes revolucionários nas mais diversas áreas do conhecimento, principalmente no campo da psicologia, psicoterapia, psicanálise e também da filosofia.

É com ele e posteriormente com Lacan que iremos ter acesso a uma ciência desconhecida chamada psicanálise, e conseqüentemente a uma nova maneira de analisar o ser humano. É com Freud que a civilização vai passar por sérias críticas, principalmente no que se refere à formação para a felicidade.

Freud nas suas reflexões começa a questionar como o ser humano vive na civilização. Um dos primeiros aspectos a ser questionados é a questão da religião, que segundo ele não passa de uma ilusão. Nesse sentido vejamos,

Após esse esclarecimento, vamos retornar as doutrinas religiosas; e podemos repetir que todas elas são ilusões, são indemonstráveis, ninguém pode ser forçado a tomá-las por verdadeiras, a acreditar nelas. Algumas são improváveis, tão incompatíveis com tudo o que laboriosamente viemos a saber sobre a realidade do mundo, que podem – levando-se devidamente em conta as diferenças psicológicas – ser comparadas aos delírios. Acerca do valor de realidade da maioria delas não há como formar um juízo. Assim como são indemonstráveis, são também irrefutáveis. Sabemos ainda muito pouco para abordá-las criticamente. Apenas aos poucos os enigmas do mundo se desvelam à nossa pesquisa, ainda hoje a ciência não é capaz de responder a muitas questões. Mas o trabalho científico é a única via para o conhecimento da realidade exterior (FREUD, 1927, p. 268-269).

Antes de fazer qualquer comentário sobre Freud é necessário que reconheçamos o contexto histórico no qual ele viveu e escreveu. As suas observações estão intrinsicamente ligadas à crença em uma ciência e técnica instrumental, que acredita poder mostrar racionalmente os caminhos seguros para o desenvolvimento a ser percorridos historicamente.

É interessante também percebermos que tal crítica à religião também estava presente no pensamento de Marx, “a religião é o ópio do povo”.

O mal-estar na civilização e não da civilização, tem uma relação sistemática baseada na coação, repressão do que é mais natural no ser humano, os seus instintos e desejos,

Visto que o principal objetivo da civilização é a felicidade do ser humano via a repressão do que ele tem de mais natural que é a agressividade, os desejos e os instintos, aparece então um meio por excelência de canalização, a saber: a sublimação.

A sublimação do instinto é um traço bastante saliente da evolução cultural, ela torna possível que atividades psíquicas mais elevadas, científicas, artísticas, ideológicas, tenham papel tão significativo na vida civilizada (FREUD, 1929 p. 42).

Nesse contexto a educação e a cultura se apresentam como instrumentos indispensáveis à formação humana, é basicamente a partir delas que os mecanismos de sublimação são impostos e incorporados. Daí o Estado criar no interior das sociedades e especificamente nos espaços escolares a dança, o teatro, a música, o esporte, a arte, etc. O autor ainda afirma,

Novas gerações, educadas na gentileza e na valorização do pensamento, e tendo experimentado cedo os benefícios da civilização, terão outra relação para com ela, percebendo-a como o seu patrimônio mais autêntico e dispostas a fazer os sacrifícios de trabalho e de satisfação instintual que são requeridos para a sua preservação (FREUD, 1927, p. 237).

Para Freud três grandes problemas da existência humana nos inquietam, são eles:

do próprio corpo, que, fadado ao declínio e à dissolução, não pode sequer dispensar a dor e o medo, como sinais de advertências; do mundo externo, que pode se abater sobre nós com forças poderosíssimas, inexoráveis, destruidoras; e, por fim, das relações com outros seres humanos (FREUD, 1929, p. 20).

Na concepção do autor, o último problema é o que merece mais atenção, porque são nas relações entre os homens que encontramos as pontuadas imposições de toda forma, vindos de lugares distintos.

É extremamente necessário sobre pena de ser derrubada, que uma determinada sociedade garanta a quem dela participam o acesso aos bens necessários a sua sobrevivência. Nesse sentido, Freud frisa,

Quanto às restrições que concernem a apenas a determinadas classes da sociedade, encontramos condições duras que jamais foram ignoradas. É de esperar que essas classes desfavorecidas invejem as prerrogativas das privilegiadas e tudo façam para livrar-se de suas privações extras. Quando isso não for possível, haverá uma duradoura insatisfação no interior dessa cultura, que poderá conduzir a rebeliões perigosas. Porém, se uma cultura não foi além do ponto em que a satisfação de uma parte de seus membros tem como pressuposto a opressão de outra parte, talvez da maioria – e esse é o caso de todas as culturas atuais – então é compreensível que esses oprimidos desenvolvam forte hostilidade em relação à cultura que viabilizam mediante seu trabalho, mas de cujos bens participam muito pouco. Assim, não se pode esperar uma internalização das proibições culturais nos oprimidos; pelo contrário, eles não se dispõem a reconhecê-las, empenham-se em destruir a própria cultura, e eventualmente abolir os seus pressupostos [...] (FRED, 1927, p. 142-143).

Quando lemos Freud, encontramos ideias que são semelhantes à de grandes pensadores marxistas, inclusive as do próprio Marx. Isso nos leva a crer que o criador da psicanálise foi um leitor de Marx e do marxismo, e por ele foi influenciado. A citação acima

mostra bem tal influência. A maioria dos marxistas com certeza, avalizavam e avalizam tal pensamento freudiano talvez substituindo apenas a palavra “invejem” por “lutem contra”.

#### 4. A INCORPORAÇÃO POR ALTHUSSER DE MARX E FREUD

Nesta penúltima parte iremos tentar mostrar e analisar a partir do que foi mencionado até aqui, como Althusser se apropriou e incorporou algumas das ideias de Marx e Freud, e como estas implicaram, implicam e contribuíram, contribuem para o pensamento social, político e educacional atual.

De acordo com a leitura de Althusser, da tradição marxista, desde o Manifesto e o 18 Brumário e em todos os textos clássicos posteriores, a exemplo do que Lênin escreve sobre o Estado e a Revolução, o Estado tem prioritariamente um caráter repressor, que permite as classes dominantes assegurarem a sua dominação sobre a classe operária, para submetê-la ao processo de extorsão da mais valia, ou seja, da exploração capitalista. O Estado é, antes de qualquer coisa, o que os clássicos do marxismo chamavam de “aparelho de Estado”. Termo que compreende a prática jurídica, a prática política, os tribunais, as prisões e também o exército.

Sobre a teoria do Estado na tradição marxista, Althusser a resume da seguinte maneira:

Podemos dizer que os clássicos do marxismo sempre afirmaram que: 1) O Estado é o aparelho repressor de Estado; 2) deve-se distinguir o poder de Estado do aparelho de Estado; 3) O objetivo da luta de classes diz respeito ao poder de Estado e conseqüentemente à utilização do aparelho de estado pelas classes e; 4) O proletariado deve tomar o poder de Estado para destruir o aparelho burguês existente, substituí-lo em uma primeira etapa por um aparelho de Estado completamente diferente, proletário, e elaborar nas etapas posteriores um processo radical, o da destruição do Estado (fim do poder do Estado e de todo aparelho de Estado). (ALTHUSSER, 1985, p. 66).

A tese de Althusser no tocante à teoria do Estado marxista é acrescentar a este os aparelhos ideológicos de Estado (AIE). Realidade esta, segundo ele, Gramsci já tinha mencionado ao afirmar que o poder do Estado não se resume ao aparelho repressor (ARE), mas compreende também um certo número de instituições da sociedade civil, como a igreja, as escolas, os sindicatos e outros. Entretanto, para Althusser esse apontamento de Gramsci ficou apenas nas suas anotações e nunca foi sistematizado.

Para Althusser os AIE são vários, entre eles podemos citar:

AIE religioso (o sistema das diferentes igrejas);

AIE escolar (o sistema das diferentes escolas públicas e privadas);

AIE familiar;

AIE jurídico;

AIE da informação (a imprensa, o rádio, a televisão, etc.);

AIE sindical;

AIE cultura (letras, belas artes, esportes...)

O autor afirma que tanto os ARE como os AIE se situam dentro de uma mesma realidade, mas o que os diferencia é a sua funcionalidade:

O aparelho (repressivo) do Estado funciona predominantemente através da repressão (inclusive física) e secundariamente através de ideologia (não existe aparelho unicamente repressivo). Exemplos: o exército e a polícia funcionam também através de ideologia, tanto para garantir sua própria coesão e reprodução como para divulgar os “valores” por eles propostos. Da mesma forma, mas inversamente, devemos dizer que os aparelhos ideológicos do Estado funcionam principalmente através da ideologia, e secundariamente através da repressão seja ela bastante atenuada, dissimulando, ou mesmo simbólica. (Não existe aparelho puramente ideológico). Dessa forma, a escola, as igrejas “moldam” por métodos próprios das sanções, exclusões, seleções etc., não apenas seus funcionários mas também suas ovelhas. E assim a família... Assim o aparelho IE cultural (a censura, para mencionar apenas ela, etc.,(ALTHUSSER, 1985, p. 70).

Como podemos observar, Althusser é enfático ao mostrar que o Estado é um órgão opressor/repressor e que usa tanto os ARE como os AIE para garantir a reprodução das relações de produção, como também a reprodução e concretização da ideologia dominante.

Os AIE (aparelhos ideológicos de Estado), como os ARE (aparelhos repressores de Estado), são instrumentos que o Estado dentro de uma sociedade capitalista usa para reproduzir a ideologia dominante. A educação que permeia esses e nesses aparelhos é em última instância legitimadora da dominação de uma classe sobre a outra. Uma das teses de Althusser sobre a ideologia é: “a ideologia tem uma existência material [...] uma ideologia existe sempre em um aparelho e em sua prática ou práticas. Esta existência é material” (ALTHUSSER, 1985, p. 88-89).

Neste contexto de ideias althusserianas já podemos perceber e ao mesmo tempo evidenciar como Althusser se apropriou e incorporou nas suas análises a ideia de Estado, luta de classes e ideologia postas por Marx. Entretanto cabe salientar que este processo não foi mecânico e nem tampouco uma mera reprodução do pensamento marxista.

Algumas das ideias de Althusser se apresentam aqui como uma relíquia, um tesouro a ser analisado. Entre elas estão as suas teses da ideologia. Esta, que era apenas vista por Marx como única, e que ele a denominava de ideologia dominante, Althusser vai mostrar que não existe apenas uma ideologia, mas ideologias. Ainda sobre esta, ele vai afirmar que a ideologia

não é uma ilusão, um vazio, um nada. Esta goza de materialidade, e esta materialidade se dá nos aparelhos ideológicos de estado e fora dele, através das relações materiais de produção.

Ainda sobre Marx e Althusser, é importante frisar que o segundo com a influência da psicanálise freudiana e lacaniana abandona a percepção de sujeito moderno encontrado ainda no pensamento de Marx, e afirma,

Freud nos descobre por sua vez, que o sujeito real, o indivíduo na sua essência singular, não tem a figura de um ego, centrado sobre um “eu”, na “consciência” ou na “existência” - quer seja a existência do “para-si”, do corpo próprio, ou do “comportamento” - que o sujeito humano é descentrado, constituído por uma estrutura que ela também só tem “centro” no desconhecimento imaginário do “eu”, quer dizer, nas formações ideológicas em que ele se “reconhece” (ALTHUSSER, 1980, p. 129).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde o início da nossa reflexão fizemos questão de pontuar algumas ideias tanto de Marx como de Freud que influenciaram o pensamento de Althusser.

É importante também salientar, como dissemos anteriormente, que o autor francês não se limitou as mesmas, chegou a algumas conclusões que implicaram e concomitantemente contribuíram para se repensar alguns conceitos que até então eram tidos como prontos.

O pensamento de Althusser provocou dentro e fora do marxismo grande polêmica, nasce aí uma nova concepção de história, de sujeito, de luta de classes, de ideologia e de educação.

É importante salientarmos que Althusser ao trazer a psicanálise para dentro do campo filosófico, principalmente do marxismo, causou um estranhamento, estranhamento no sentido de afastamento, de tensionamentos e conflitos de ideias. O sujeito não se apresenta mais como um ser autossuficiente, autodeterminado, autônomo, senhor da sua história, centrado.

A história não é mais vista como uma sucessão de fatos, como um processo teleológico, mas como uma rede de ações múltiplas e indefinidas que não se enquadram em um sistema causa e efeito, o fundamento desta são as relações materiais de produção. A ideologia assume um papel de destaque, já que não se limita a apenas uma. Nesse sentido, os movimentos, tensionamentos e conflitos fora de uma lógica linear nos permitem e nos possibilitam pensar em outras constituições de subjetividades, subjetividades estas que não estão atreladas necessariamente a uma concepção de sujeito moderno.

A libertação social, política e econômica não está nas instituições sociais, como na escola por exemplo. A educação no interior dessas sociedades está sempre sendo construída e

reconstruída a partir dos movimentos e interesses de classes e suas lutas, cuja base, são as relações materiais de produção.

## REFERÊNCIAS

ALTHUSER, L. “Freud e Lacan”. In: \_\_\_\_\_. **Posições-2**. Trad. Manoel Barros de Motta. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1980, p.105-130.

\_\_\_\_\_. **Sobre a reprodução**. Trad. Guilherme João de Freitas Teixeira. Petrópolis: Vozes, 2008.

\_\_\_\_\_. **Aparelhos ideológicos de Estado**. Trad. Walter José Evangelista; Maria Laura Viveiros de Castro. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.

FREUD, Sigmund. **O mal-estar na civilização**. Tradução de Paulo César de Souza, 4 ed. São Paulo: Penguin & Companhia das Letras, 2011.

\_\_\_\_\_. **Obras Completas, volume: 17. Inibição, sintoma e angústia, o futuro de uma ilusão e outros textos**. Tradução Paulo César de Souza. 1 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

MARX, Karl; ENGELS, F. **A ideologia alemã**. Tradução Rubens Enderl, Nélio Schneider, Luciano Cavine, Martorano. São Paulo: Boitempo, 2007.